

RESENHA DE “FUTEBOL AO SOL E À SOMBRA”, DE EDUARDO GALEANO (1940-2015)

Rogério Duarte Fernandes dos Passos 

RESUMO: A presente resenha resgata o livro “Futebol ao Sol e à Sombra”, do escritor uruguaio Eduardo Hughes Galeano (1940-2015), que a partir dos relatos das primeiras lembranças e experiências a partir do futebol de seu país, conjugou ao fim do sonho de ser atleta desse esporte a única via que – segundo o próprio autor – lhe era possível, escrevendo sobre ele, igualmente desenvolvendo arguta e peculiar observação futebolística para a Argentina, para o Brasil, América Latina e ao cenário mundializado do “esporte bretão”, tendo como pano de fundo estrutural as Copas do Mundo que se realizam desde o ano de 1930.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Galeano. Futebol Uruguaio. Futebol na América Latina.

REVIEW OF “FOOTBALL IN THE SUN AND SHADOW, BY EDUARDO GALEANO (1940-2015)

ABSTRACT: This review rescues the book “Football in the Sun and Shadow”, by the Uruguayan writer Eduardo Hughes Galeano (1940-2015), which, based on reports of his first memories and experiences from football in his country, combined with the end of the dream of becoming an athlete in this sport, the only way that – according to the author himself – was possible for him, writing about it, also developing an acute and peculiar football observation for Argentina, Brazil, Latin America and the globalized scenario of “Breton sport”, conceiving as a structural framework the World Cups that have been held since the year 1930.

KEYWORDS: Eduardo Galeano. Uruguayan football. Latin American football.

RESEÑA DE “FÚTBOL A SOL Y SOMBRA”, DE EDUARDO GALEANO (1940- 2015)

RESUMEN: Esta reseña rescata el libro “El Fútbol a Sol y Sombra”, del escritor uruguayo Eduardo Hughes Galeano (1940-2015), que, a partir de relatos de sus primeros recuerdos y vivencias futbolísticas en su país, combinados con el fin de lo sueño en convertirse en jugador de este deporte, la única manera que – según el propio autor – le era posible, escribiendo sobre ello, desarrollando también una sagaz y peculiar observación del fútbol para Argentina, Brasil, América Latina y el escenario globalizado de “deporte bretón”, concibiendo como marco estructural las Copas del Mundo que se han celebrado desde el año 1930.

PALABRAS CLAVE: Eduardo Galeano. Fútbol Uruguayo. Fútbol en América Latina.

Sobre “Futebol ao Sol e à Sombra”

Em “Futebol ao Sol e à Sombra” (“El Fútbol a Sol y Sombra”), vindo originalmente em 1995, o escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) constrói um relato a partir da frustração de muitos jovens latino-americanos que sonham se tornar jogadores profissionais de futebol e, por motivos diversos – inclusive, falta de talento –, não conseguem. Resta a todos se transformarem – ou permanecerem – torcedores, admiradores, observadores ou – como o próprio autor – escritores deste esporte, um dos mais significativos fenômenos sociais de massa de nossa época.

Nesta tradução para a Língua Portuguesa de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito, trazida em edição atualizada até 2010 pela Editora L&PM Pocket, de Porto Alegre, Eduardo Galeano apresenta o futebol – o “esporte bretão”, como ficou conhecido entre nós no início do Século XX –, como repositório e depositário de seus sentimentos e memórias.

Celebrados os vinte anos de sua primeira publicação, a obra de Galeano se mostra atemporal, e mesmo sem as pretensões de se apresentar em caráter acadêmico ou científico, converteu-se em clássico sobre o futebol, aliando a contemporânea técnica da narrativa literária enquanto ferramenta de análise histórica, expondo a leitura individual rumo à compreensão geral, de forma que bem poderia se posicionar metodologicamente ao lado dos estudos do historiador italiano Carlo Ginzburg e sua micro história, ora considerando o próprio olhar alocado à condição de torcedor, ora edificando historietas protagonizadas por diferentes atletas, que alargam o futebol para o espaço público na condição de manifestação coletiva, e mesmo, na condição de vultoso negócio corporativo que une no signo do lucro os diferentes setores de uma economia globalizada.

Nascido em Montevideu – ao lado de Londres e Buenos Aires, uma das capitais com a maior quantidade de clubes profissionais de todo o mundo –, Galeano cresceu em um ambiente de grande riqueza clubística e esportiva, formada não apenas por agremiações de “football”, mas de

basquete e “rugby”, confirmando a herança inglesa tão forte na constituição das atividades esportivas dos Estados da Bacia do Rio da Prata. E, de certa forma, no futebol brasileiro também, ainda que entre nós com contornos e desenvolvimentos mais específicos.

“Ipso facto”, é do futebol uruguaio, como pontapé inicial, que Galeano desenvolve seu texto. Sendo torcedor do “Club Nacional de Football”, de Montevideú, sua memória começa a ser formada por nomes como Juan Alberto Schiaffino (1925-2002) – autor do primeiro gol da virada uruguaia sobre o Brasil no Estádio do Maracanã na partida final da Copa de 1950 –, Julio César Abbadie (1930-2014) e José Leandro Andrade (1951-1957) – este último um dos pioneiros atletas negros sul-americanos a atuar na Europa –, tendo como teatro pessoal de alegrias e frustrações o “superclásico del fútbol uruguayo”, que seu time disputa há mais de cem anos diante do “Club Atlético Peñarol”.

O futebol uruguaio, por sinal, se estrutura por duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 e dois títulos nas Copas do Mundo de 1930 e 1950, vencendo várias edições da Copa América de Seleções, Taças Libertadores da América e mundiais de clubes (no formato de copas intercontinentais).

Ínterim contínuo, Galeano se transpõe para a Argentina e, dentre outros tantos nomes de vulto, alcança Adolfo Pedernera (1918-1995), um dos pilares das mais fortes formações do “Club Atlético River Plate” – conhecida como “La Máquina” (1941-1947) –, que o imaginário coletivo do país supunha poder trazer dois títulos da Copa do Mundo, não fosse a interrupção dos torneios nos anos de 1942 e 1946 em face da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Trespasando o mito Alfredo Di Stefano (1926-2014) – um dos pioneiros na luta pela definitiva liberdade de transferência internacional do jogador sul-americano –, e como que supondo destino inexorável de grandeza para o futebol do país, Eduardo Galeano redige linhas de dimensão épica para Diego Armando Maradona (1960-2020), o jovem pobre revelado pela “Asociación Atlética Argentinos Juniors” e que

despontou no “Club Atlético Boca Juniors” – outro gigante do futebol portenho –, que também tornando-se ícone de rebeldia, conquistou a Itália e o planeta defendendo as cores da equipe italiana “Società Sportiva Calcio Napoli”, a ponto de ser apelidado de “El Pibe de Oro”, e ao lado de Lionel Messi, alocado pelos compatriotas como integrante da dupla dos maiores jogadores da história.

No Brasil, Eduardo Galeano lança seu olhar para nomes como Pelé (1940-2022), Garrincha (1933-1983) e Didi (1928-2001) – “O Príncipe Etíope” (no apelido dado pelo jornalista e escritor Nelson Rodrigues, 1912-1980) –, jogadores que por meio do futebol suplantaram a questão racial e da pobreza, iniciando o ciclo de uma geração que traria três títulos de Copa do Mundo para o país.

Pela América Latina, o autor discorre sobre o caráter quase mitológico de atletas como o mexicano Hugo Sánchez – o atacante que brilhou nos rivais espanhóis Atlético de Madrid (entre 1981 e 1985) e Real Madrid (entre 1985 e 1992) –, além dos colombianos Carlos Valderrama e Freddy Rincón, pertencentes a uma geração de grande potencial, mas que por conta de gol contra do zagueiro Andrés Escobar (1967-1994) na partida em que o selecionado nacional foi eliminado na Copa do Mundo dos Estados Unidos, presenciou a tragédia deste último ser assassinado a tiros em Medellín, em ilustração das manifestações de irracionalismo que, não raro, o futebol tem trazido por todo o mundo.

Eis, então, que as historietas de Eduardo Galeano se alicerçam no entorno das várias edições das Copas do Mundo, sendo elas os eixos de uma percepção que, por primeiro localiza o futebol a partir da memória coletiva uruguaia – afinal, a Copa de 1930 teve lugar no país platino, com a final decidida entre os rivais históricos Uruguai e Argentina, ao modo da lendária disputa sobre a naturalidade e a nacionalidade do cantor Carlos Gardel (1890-1935) –, e em vários momentos, tomando a licença poética para fundir lenda e história, atribuindo ao esporte o “locus” de maldições, demônios e mesmo guerras, “in casu”, até mesmo uma real, que tendo o futebol como estopim ao longo da fase eliminatória da Copa

do Mundo de 1970 disputada no ano de 1969, opôs em um conflito de cem horas as forças militares de Honduras e El Salvador (GALEANO, 2004, p. 126, 129 e 130).

Tendo ainda publicado “Fechado por Motivo de Futebol”, Galeano desfila um “quase lirismo” para em “Futebol ao Sol e à Sombra” explicitar e dimensionar a paixão dos sul-americanos pelo esporte, que sem pedir licença, se apropriaram deste jogo britânico – ou na atual versão oficial preconizada pela entidade máxima dele, uma invenção chinesa – na condição de repertórios de si mesmos, de seus sentimentos clubísticos de pertencimento e de fantasias características da nacionalidade, tão comuns em tempos de Copa do Mundo”, ainda que

(...) nossos jogadores, espalhados pelos quatro ventos, conhecem-se no avião, jogam juntos por um momento e se despedem para que a equipe se transforme numa verdadeira equipe, isto é: um só bicho de onze cabeças e vinte e duas pernas (GALEANO, 2004, p. 201-202).

Galeano não deixa de criticar a mercadorização e mercantilização do futebol. Mercantilização dos campeonatos, mercadorização de atletas, que no desporto de alto rendimento registra não muitos recebendo altos vencimentos, desvelando em sua visão uma escravização física que se localiza ao lado da servidão ou alienação de alma, em um jogo em que os famosos podem ser livres para a aquisição de bens materiais, restando, em contrapartida, isolados nas vicissitudes espirituais e criativas. E descartados ante a lesões e à velhice, em um ínterim, o qual, para o autor, Diego Maradona é símbolo de rebeldia e liberdade, e Pelé, mesmo simbolizando o atleta negro que venceu, ícone de subserviência, algo que em nossa visão é uma avaliação feita de forma injusta e imprecisa.

Nesse contexto de domínio de corpos e mentes, contra o “status quo” do futebol emergiria Jean-Marc Bosman, o belga quase anônimo que enfrentou o “establishment” e destruiu o vínculo jurídico do passe a partir do sistema judiciário da União Europeia, e ironicamente, sem parentesco com Johannes “John” Jacobus Bosman – atleta que com relativo sucesso, defendeu a Seleção dos Países Baixos –, talvez jamais agiria contra a

estrutura desse esporte se grandes clubes tivessem disposição em contratá-lo, revelando, em essência, o interesse econômico como “leitmotiv” da produção do espetáculo. E nesse sentido caminha o lirismo de Galeano, ciente que sua paixão futebolística tem a ousadia de se voltar contra o fenômeno global, que se reinventa por meio de novas facetas lucrativas – em especial, com novos produtos e negócios – ainda que em velhos formatos, notadamente os da Copa do Mundo, que aos olhos do torcedor, muito bem funciona enquanto instrumento de esperança para uma glória fugidia. E aos olhos dos mais críticos, como narcótico ante às mazelas sociais.

Daí em diante, eis que temos a apreciação de um futebol mundializado como fenômeno social e cultural de massa, e diante desse cenário, perpassando o escrito pelas Copas do Mundo – com atualizações do livro acrescidas por Galeano até a edição de 2010, que ocorreu na África do Sul –, materializando o poder econômico e sua centralização decisória na “Fédération Internationale de Football Association” (FIFA) – que adquiriu ares de corporação onipresente no esporte na gestão do brasileiro João Havelange (1916-2016) –, bem como a globalização futebolística representada nas vultosas transações dos clubes europeus, capazes de contratar legiões estrangeiras para seus quadros, em um movimento que em nome do sucesso esportivo – e desde que os atletas sejam de alto rendimento –, aparentemente ignora as barreiras migratórias.

Entre as primeiras impressões individuais e o choque de realidade do esporte globalizado, Eduardo Galeano não ignora o uso político do futebol, donde ditadores e corruptos o manusearam para disfarçar descabros econômicos, escândalos financeiros e violações de direitos humanos, transpondo para o momento contemporâneo a política do “pão e circo” romana (“panis et circenses”), em que a diversão se transforma na cortina de fumaça para amortecimento e encobrimento de demandas sociais.

Por fim, profundamente atual – e indispensável aos apreciadores e estudiosos do tema, a par de seu formato não acadêmico – “Futebol ao Sol e à Sombra” traz ao leitor um Eduardo Galeano que vê o futebol em “primeiras núpcias” com o olhar de menino na terra natal e na América do Sul, e, em seguida, já na condição de intelectual, como o homem sedento pela esperança de obtenção de felicidade em um “segundo matrimônio” com o esporte, que em tempos globalizados resta marcado pelo consumo exacerbado de produtos variados e quinquilharias diversas, com personagens fúteis – ainda que muitas vezes ingênuas – e dirigentes que mais se assemelham a predadores de apetites pouco confessáveis, E eis que o ciclo se realimenta e se renova a cada quatro anos, quando tem lugar a Copa do Mundo – aqui estabelecendo eixos temporais e orientadores para todo o manuscrito do autor –, o maior evento esportivo do planeta, não raro também propagandeando governos e mascarando tragédias.

Eduardo Galeano – também autor do notável “As Veias Abertas da América Latina” –, outrossim, reconhece o futebol como elemento integrante de sua identidade pessoal e intelectual, inclusive, enquanto elemento catalizador de sua carreira como escritor, ilustrando trechos do texto com uma linguagem que assume ares poéticos, concluindo que esse esporte, posicionado à condição de deus contemporâneo durante as Copas do Mundo – e mesmo sendo acusado de ser instrumento de alienação das massas –, não deixa de ser veículo portador das melhores emoções e voluptuosidades humanas, bem como de “expição”, “celebração de suas luzes” e “denúncias de suas sombras”, oferecendo em conclusão ao leitor, a confissão de prevalecer no momento de fecho do escrito a melancolia característica de quem vivencia o final do amor e do jogo (GALEANO, 2004, p. 205).

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010, 256 p.

Mestre em Direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente em escolas técnicas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo.
E-mail: rfdospassos@gmail.com.